

Psicologia Escolar: a importância de profissionais de Psicologia no sistema público brasileiro

Alana Fialho dos Santosⁱ 0009-0005-3562-3878
Kézia Sumico Nakagawaⁱⁱ 0000-0001-5668-362x

RESUMO: O presente artigo apresenta uma revisão bibliográfica referente à atuação do psicólogo escolar/educacional e suas contribuições para o âmbito escolar no sistema público de ensino, elaborado a partir de buscas em materiais como: artigos científicos, livros, jornais, revistas e leis. Inicialmente, foi realizada uma breve contextualização histórica sobre o surgimento da psicologia escolar no Brasil e definindo os primeiros passos desta atuação. No século XIX, a psicologia escolar foi influenciada pelo surgimento dos primeiros laboratórios de psicometria, criados com o objetivo de avaliar crianças com problemas de aprendizagem. Já no século XX, houve a influência com o início dos testes e avaliações psicológicas individuais para medir as habilidades

cognitivas dos alunos. O artigo teve como objetivo apresentar as possibilidades de atuação do psicólogo escolar, que pode atuar como mediador e facilitador do processo de ensino-aprendizagem, agir com os alunos, professores e com toda a equipe pedagógica. Este artigo tem o embasamento a partir da abordagem da Psicologia Histórico-Cultural. Foi encontrado nos materiais pesquisados, algumas propostas de intervenções relevantes para a atuação do psicólogo escolar, bem como um olhar crítico sobre o sistema educacional brasileiro, voltado para a necessidade de observar os aspectos que impactam o aprendizado e o desenvolvimento do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia escolar. Atuação do psicólogo escolar. Psicologia Histórico Cultural.

School psychology: the importance of psychology professionals in the public education system

ABSTRACT: This article presents a bibliographic review regarding the role of the school/educational psychologist and their contributions to the educational context within the public school system. It was developed based on searches in materials such as scientific articles, books, newspapers, magazines, and laws. Initially, a brief historical context was provided about the emergence of school psychology in Brazil, outlining the first steps of this practice. In the 19th century, school psychology was influenced by the establishment of the first psychometric laboratories, created to assess children with learning difficulties. In the 20th century, there was further influence with the introduction of individual psychological tests

and assessments to measure students' cognitive abilities. The article aimed to present the possibilities for the school psychologist's role, who can act as a mediator and facilitator of the teaching-learning process, collaborating with students, teachers, and the entire pedagogical team. This article is grounded in the Historical-Cultural Psychology approach. The research materials identified several relevant intervention proposals for the role of school psychologists, as well as a critical perspective on the Brazilian educational system, emphasizing the need to observe aspects that impact student learning and development.

KEYWORDS: School Psychology. School Psychologist. Cultural-Historical Psychology.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema a Psicologia Escolar e a importância de profissionais da Psicologia no sistema público de ensino. Diante da realidade observada no âmbito de ensino público, retratado nos artigos revisados, constatou-se algumas demandas para a atuação do psicólogo escolar nestes espaços. Estas demandas referem-se a diagnósticos realizados em massa, comportamentos infantis que são vistos como transtornos, inúmeras queixas nas dificuldades escolares dos alunos, além de questões comportamentais envolvendo relacionamentos interpessoais entre alunos e professores. Sendo assim, foi encontrada a necessidade de discorrer sobre a atuação do psicólogo escolar e a importância das suas intervenções.

Este artigo buscou discutir a contribuição destes profissionais no processo de desenvolvimento dos alunos no âmbito escolar. Portanto, para melhor compreensão sobre esta atuação do psicólogo escolar, fez-se, inicialmente, um resgate histórico da psicologia escolar no Brasil, até os dias de hoje.

A psicologia escolar surgiu na transição entre o século XIX e XX, teve influência de estudiosos europeus e norte-americanos, que iniciaram sua atuação, introduzindo o uso de testes na avaliação do desempenho dos alunos nas escolas. Por se assemelhar à prática clínica, essa abordagem foi, e ainda é, muitas vezes confundida com o verdadeiro papel do psicólogo escolar. (Barbosa; Marinho-Araújo, 2010).

Cruces (2006 *apud* Barbosa; Marinho-Araújo, 2010, p. 28) enfatizou que “[...] a psicologia se desenvolveu no Brasil, principalmente para atender problemas da educação, sobretudo na formação de professores”. Ela não era vista como uma área específica de atuação educacional, mas sim como uma forte representação da profissão no âmbito da testagem clínica. No entanto, o papel do psicólogo nas escolas, vem sendo motivo de discussão por pesquisadores, a fim de apresentar algo além da aplicação de testes psicológicos ou no estabelecimento de diagnósticos clínicos.

Levando em consideração que o indivíduo é um ser social, ativo e histórico, de acordo com a Psicologia Histórico-cultural, onde a construção deste indivíduo se dá por meio de suas interações com os outros, a escola é o local onde estas relações devem ser estudadas. A análise pelo psicólogo escolar, através de suas abordagens e metodologias, poderiam auxiliar na compreensão do desenvolvimento dos alunos (Patto, 2022).

Com base nesta compreensão, entende-se que há uma necessidade de profissionais da psicologia atuando nas escolas. Representantes do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e do Conselho Regional de Psicologia (CRP) contribuíram para a aprovação da Lei nº 13.935/2019, que dispõe sobre 'a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica'.

Aprovada recentemente, a Lei nº 13.935/2019, infraconstitucional, estabelece a obrigatoriedade da prestação de serviços de psicologia e serviço social nas redes públicas de educação básica. Aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pela Presidência da República, a lei se aplica a todo o território nacional. No entanto, mesmo com a sanção da lei, muitas escolas ainda não contam com psicólogos atuando nesse espaço.

Este artigo foi desenvolvido com base em uma pesquisa bibliográfica, que consistiu na coleta de materiais científicos existentes para apresentar informações sobre a atuação do psicólogo escolar. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica envolve a revisão exploratória de materiais já publicados sobre um determinado tema. Nesta pesquisa, foram revisados artigos científicos, livros, jornais e revistas que abordam temas como a atuação do psicólogo e a contribuição deste profissional da psicologia escolar, sob a perspectiva da abordagem Histórico-Cultural, resultando na seleção de referências que fundamentaram este estudo.

Os artigos foram selecionados e retirados dos *sites* Google Acadêmico, Pepsic, BVS psicologia e *Scielo*, utilizando as palavras chaves: Psicologia escolar, atuação do psicólogo, Psicologia Histórico-Cultural e surgimento da psicologia escolar. A seleção dos artigos foi realizada com o foco em conteúdos que estivessem alinhados ao propósito da pesquisa, discutindo a importância da atuação de psicólogos nas escolas públicas.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA PSICOLOGIA ESCOLAR

A psicologia escolar no Brasil foi marcada nos séculos XIX e XX, por influência de psicólogos da Europa e dos Estados Unidos, pelas tradições europeias da psicologia científica, como as ideias de Wilhelm Wundt, considerado o fundador da psicologia experimental. Mesmo não se dedicando diretamente à psicologia escolar, suas ideias tiveram grande impacto sobre a educação e a psicologia aplicada ao campo escolar.

As concepções europeias contribuíram para o desenvolvimento das primeiras bases teóricas e científicas da área, enquanto os estudiosos americanos influenciaram de maneira mais

significativa, o surgimento de uma psicologia aplicada, direcionada ao ambiente escolar e à prática educativa. Com o passar do tempo, essas influências foram ajustadas à realidade brasileira, dando origem a uma psicologia escolar que visa atender às particularidades e necessidades sociais específicas (Lima, 2005). Já Lopez (2011), acredita que as crianças constroem seus conhecimentos através da relação entre a linguagem oral e escrita.

De modo geral, a psicologia conquistou sua posição de ciência em 1879, com a fundação do Laboratório de Psicologia em Leipzig, na Alemanha, por Wilhelm Wundt. Esse médico e fisiologista tinha interesse em realizar pesquisas sobre a psicofisiologia dos processos mentais, ou seja, nos processos elementares da consciência. Ele desejava compreender como funcionava a capacidade mental de diferentes pessoas. Seu trabalho é visto como um ponto de partida para o estudo do comportamento humano, sob a perspectiva das ciências físicas e biológicas, sem considerar os estados subjetivos, e a contextualização histórica e social para a compreensão do ser humano (Lima, 2005).

O período pós-Revolução Industrial foi caracterizado pela ascensão da burguesia liberal, e foi nesse cenário que Francis Galton (1822-1911) desenvolveu suas teorias. Em sua obra "Hereditary Genius", Galton realizou diversos estudos em seu laboratório de psicometria, com o objetivo central de medir a capacidade intelectual e demonstrar a influência hereditária nas habilidades humanas. Seu propósito era identificar e separar os indivíduos mais capacitados, visando o aprimoramento da espécie humana. Nesse ambiente, a burguesia em crescimento reafirmava seu poder fundamentado no liberalismo, porém, como havia as diferenças entre as classes sociais e a partir da noção de que algumas pessoas eram mais capazes do que outras, uma crença respaldada pelos instrumentos que Galton criou para medir inteligência e personalidade, os testes foram recursos fundamentais na atuação do psicólogo que adentrava a escola (Lima, 2005).

A primeira escala de avaliação da inteligência infantil foi criada por Binet na França, em 1905. Sua transferência para o laboratório de pedagogia experimental representou um avanço decisivo na elaboração do primeiro método de psicologia escolar, que ainda está vinculado à psicometria atualmente (Patto, 1984). Esse método tinha como finalidade criar ferramentas que permitissem a seleção, adaptação, orientação e categorização de crianças que necessitavam de educação especial, distinguindo entre elas, os que são considerados normais e anormais (Lima, 2005).

As escolas europeias adotaram este método de aplicação de testes que repercutiram em todo o mundo e trouxeram consigo consequências pedagógicas, havendo uma divisão das

crianças em grupos entre “anormais e normais”, distinguindo quais temas e o que deveria a cada um ser ensinado.

Patto (1984 *apud* Lima, 2005) transmite a informação de que a primeira função designada ao psicólogo escolar dentro das instituições de ensino, foi a de medir e classificar as habilidades das crianças em relação à capacidade de aprender e avançar através dos diversos níveis escolares. Machado (1994 *apud* Lima, 2005) apresenta uma crítica na qual esta função de avaliação de inteligência pode acarretar uma categorização das crianças e dos jovens, tornando uma experiência negativa a eles e diminuindo a possibilidade de vivenciarem o processo educacional regular.

Estes estudos foram importantes e trouxeram alguns pontos positivos por serem movimentos pioneiros em relação ao fornecimento de assistência às crianças excepcionais, no qual, mais tarde, ganharam força e foram aperfeiçoados ao que se tem nos dias de hoje.

O modelo clínico utilizado, até os dias atuais, tem uma visão na qual os indivíduos são separados por saúde e doença, pertencendo a um campo de diagnóstico. Neste modelo, as crianças acabam também sendo enquadradas em um conceito de normalidade e anormalidade, por apresentarem dificuldade no processo de aprendizagem, ou apresentarem comportamentos destoantes do esperado, sendo diferenciadas por um diagnóstico.

Com a redemocratização no Brasil na década de 1980, Patto (1984) faz uma crítica à forma como as pessoas veem as dificuldades de aprendizagem no sistema educacional.

Em sua obra, “A produção do fracasso escolar”, ela critica o uso excessivo dos diagnósticos clínicos e menciona essa abordagem como culpabilizante somente ao aluno, considerando apenas suas dificuldades e descarta todo contexto social e educacional que eles vivem, sem apontar as falhas estruturais do sistema de educação. Falhas essas, responsabilizadas pelo sistema capitalista vigente na sociedade atual. Ela também expressa que a culpa é atribuída aos “alunos problemas”, aumentando ainda mais a desigualdade social e a não superação do fracasso escolar.

Patto (1984) evidencia que todo o sistema educacional necessita reformular sua abordagem em relação a produção do fracasso escolar, que incluem a maneira como lidam com as necessidades emocionais e sociais dos alunos. É fundamental considerar o estudante em sua totalidade, levando em conta seu contexto familiar, as condições que favorecem seu desenvolvimento pedagógico e os métodos que têm sido oferecidos pelo ambiente escolar e pela equipe pedagógica para facilitar a aprendizagem.

A partir do desenvolvimento das discussões sobre temas relacionados à atuação do psicólogo escolar, possibilitou, no final da década de 1980 e no início dos anos 1990, a fundação

da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), que foi um marco significativo para a definição da área de psicologia escolar. Desde sua criação, a entidade tem contribuído para a disseminação de reflexões sobre a identidade do psicólogo escolar, os conhecimentos psicológicos aplicáveis a essa área e as oportunidades de atuação em ambientes educacionais (Barbosa e Marinho-Araújo, 2010).

Já recente, a partir do ano de 2000, houve um avanço nas discussões teóricas sobre a atuação do psicólogo escolar. Os temas abordados incluem a atuação institucional, a contribuição do psicólogo na formação de professores, na elaboração do projeto político pedagógico da escola e experiências de estágio que utilizam metodologias de pesquisa (Barbosa e Marinho-Araujo, 2010).

A obrigatoriedade de psicólogos nas escolas é abordada pela Lei nº 13.935/2019. Esta Lei ainda foi incluída na Constituição Federal, se trata de uma norma infraconstitucional, ou seja, uma regra que está abaixo da Constituição no sistema jurídico. A Lei referida se baseia nos princípios e diretrizes estabelecidos na Constituição e estabelece a necessidade de profissionais de psicologia e também de serviço social nas instituições de educação básica. Essa legislação tem como objetivo promover o bem-estar dos estudantes e contribuir para a melhoria do ambiente escolar. Com a inserção de psicólogos, busca-se oferecer apoio emocional, acompanhamento psicológico e intervenção em situações de vulnerabilidade, além de promover ações preventivas e outros movimentos (BRASIL, 2019).

A implementação dessa Lei, de acordo com as diretrizes que a determinam, deve ser realizada conforme a disponibilidade orçamentária e as diretrizes do sistema de ensino, ressaltando a importância da formação e capacitação continuada dos profissionais para melhor atender às necessidades da comunidade escolar. Essa lei foi um passo importante para reconhecer a relevância do trabalho psicológico no ambiente escolar (BRASIL, 2019).

2.1 Possibilidades de atuações e intervenções do Psicólogo Escolar

A atuação do Psicólogo escolar é um tema discutido por pesquisadores e interessados na área, buscando entender suas possibilidades de atuação no cenário educacional (Facci, Firbida, 2024), destacam sobre as temáticas de estudo e pesquisa acerca da atuação do psicólogo e pontuam que esse profissional auxilia nos processos de aprendizagem; desenvolvimento humano; escolarização em todos os níveis; inclusão de pessoas com deficiências; políticas

públicas na área da educação; gestão psicoeducacional em instituições, avaliação psicológica, história da Psicologia escolar e formação continuada dos professores.

Considerando que, inicialmente, a Psicologia Escolar foi bastante confundida com a prática clínica, devido a utilização de testes, e assim muitos não compreendem de fato o que faz um psicólogo na escola, e como essa prática pode ser necessária para o sistema educacional (Martinez, 2010). A presença do profissional de psicologia pode gerar receio aos educadores e equipe pedagógica, pois relacionam a prática clínica e o diagnóstico em razão do seu impacto de quando ela surgiu. No início, a psicologia era vista como algo negativo nas escolas, assim de acordo com o CFP (Conselho Federal de Psicologia) em sua publicação sobre referências técnicas para atuação das psicólogas (o) na educação básica (2019), o psicólogo escolar pode contribuir nas buscas de práticas pedagógicas voltadas para um olhar humanizado (CFP, 2019).

A estrutura dessa prática de atuação é determinada através de seus conhecimentos sobre o desenvolvimento psicológico, responsáveis por colaborar com o ensino-aprendizagem do aluno e fornecendo reflexões que fundamentam o seu desenvolvimento como indivíduo no âmbito escolar. A psicologia escolar se dedica à prática de conhecimentos que auxiliam nas relações que se envolvem na escola, com o foco nas relações entre alunos, professores, pedagogos, a família que participa do cotidiano de seus filhos na escola e a comunidade em geral (Antunes, 2008).

Martinez (2010), em seu artigo “O que faz o psicólogo escolar”, determina uma separação nas atuações da prática do psicólogo, denominando-as de formas de atuações “tradicionais e emergentes”. Estas formas destacadas pela autora, não são classificatórias, mas sim modos que ela encontrou para melhor expor a atuação deste profissional. O psicólogo escolar pode atuar em diversas áreas que estejam relacionadas à melhora do ambiente educacional.

As formas de intervenções tradicionais e mais frequentes utilizadas nas escolas, são aquelas onde o psicólogo atende às queixas e demandas individuais do aluno trazidas pela equipe multidisciplinar. A realização de observações no cotidiano daquele indivíduo, para compreender um pouco sobre o modo como ele reage a comandos, como são realizadas suas atividades e como é sua interação social com outros membros da escola. Ao ser feita uma observação de todo o meio em que essa criança está inserida, e identificando uma dificuldade que possa comprometer o processo de aprendizagem, é realizado um encaminhamento para profissionais fora da escola. O método de observação consiste em uma pequena análise de todo o contexto educacional, e é importante para evitar a rotulagem de crianças. O psicólogo deve

estar atento a todos os aspectos dessa criança e entender suas necessidades, para então traçar métodos que auxiliem no processo de aprendizagem e interação social.

As orientações feitas dentro do âmbito escolar, também são comuns com os pais, sobretudo assuntos de dificuldades enfrentadas e do desenvolvimento daquele aluno. Essa prática auxilia em um possível trabalho futuramente, que irá promover um bem-estar no indivíduo. As orientações com equipe pedagógica e orientações profissionais, são muito utilizadas principalmente no Ensino Médio, onde os adolescentes costumam ter dúvidas no que fazer quando sair da escola, pois é a fase em que os alunos precisam fazer algumas escolhas, então ter uma orientação que auxilie nesse processo é significativo. Outras orientações, como conscientização de um tema relevante na escola, não necessariamente precisam ser de um profissional da Psicologia para realizar essa orientação, mas é bem frequente que este o faça (Martinez, 2010).

Os parágrafos acima referem-se a algumas das intervenções que o profissional da área exerce na escola, que na maioria das vezes ocorre como uma resposta aos problemas que aparecem na escola decorrentes do dia a dia na instituição ou da onde está inserida essa instituição.

A seguir, apresentaremos outras formas emergentes de atuação, que possuem um olhar mais amplo do psicólogo nas instituições. A primeira delas diz respeito sobre o que o psicólogo precisa fazer após um diagnóstico daquele indivíduo. O profissional, após receber o diagnóstico, irá traçar, juntamente com a equipe multidisciplinar das escolas, estratégias que auxiliarão o aluno tanto para o desenvolvimento escolar quanto na subjetividade da criança. Quando nos referimos à subjetividade do aluno, a autora fala que:

À medida que se reconhece que os indivíduos se constituem e, simultaneamente, são constituidores dos contextos sociais nos quais estão inseridos, os aspectos organizacionais da escola como instituição, em especial sua subjetividade social, adquirem especial importância (Martinez, 2010, p. 47).

A autora argumenta que devemos perceber a escola não apenas como um espaço onde há professores que ensinam e alunos que aprendem, mas também como um ambiente social, onde ocorrem trocas de conhecimento e interações entre as pessoas que ali convivem. O psicólogo pode atuar de diversas maneiras em uma instituição, desde que seu objetivo principal seja promover o desenvolvimento tanto do aluno quanto da instituição como um todo (Martinez, 2010).

Considerando o que foi discutido até agora sobre as possíveis intervenções do psicólogo nas instituições, surge a questão da colaboração do psicólogo com outros profissionais na escola. Devido à abordagem inicial adotada na psicologia escolar, alguns profissionais podem sentir receio e, possivelmente, não têm clareza sobre o que se pode fazer na escola e como essa colaboração deve ocorrer.

A fim de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis, as ações do psicólogo devem estar pautadas em oferecer conhecimentos específicos da psicologia para as questões de educação (CFP, 2019).

O papel do psicólogo é estar envolvido na elaboração, avaliação e reformulação de programas institucionais que destaquem as dimensões psicológicas e subjetivas da realidade escolar. Isso os capacita a participar de diversas ações desenvolvidas pelos profissionais da escola e reafirma um compromisso com um trabalho multidisciplinar. Ao planejar intervenções no contexto educacional é fundamental conhecer e compreender os dados dessa instituição, buscas simples de número de alunos, professores e toda a comunidade em geral, bem como onde a escola está inserida e qual o seu contexto histórico. (CFP, 2019)

2.2 Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a prática da Psicologia Escolar

As contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a prática da psicologia escolar se fundamentam na teoria marxista de Karl Marx, para entender o processo de aprendizagem a partir das condições históricas e sociais, através de uma visão de mundo. Partindo dessa ideia, a Psicologia Histórico-Cultural salienta que a educação é fundamental para o homem se tornar humano. E no âmbito escolar, é preciso que a escola e o homem estejam interligados, para que assim se torne humano.

A psicologia escolar teve início por volta de 1940, com o foco em resolver problemas específicos do contexto escolar. Durante o desenvolvimento desta área, destaca-se a diferença entre psicologia escolar e psicologia educacional. Enquanto a psicologia escolar está voltada para a prática dentro do ambiente escolar, exercendo diretamente a função de psicólogo, a psicologia educacional foca em aspectos teóricos e pesquisas, visando construir conhecimentos que contribuam para o processo educacional. Ainda sobre o que Vaz de Lessa, Gonçalves e Facci (2008 *apud* Meira, 2000, p. 36), diz que a psicologia escolar se refere a:

[...] uma área de atuação da Psicologia e ao exercício profissional do psicólogo que atua no campo educacional e que, para dar conta de inserir-se criticamente na educação, deve apropriar-se de diferentes elaborações teóricas construídas não apenas no interior da ciência psicológica, mas ainda da pedagogia, filosofia e filosofia da educação, entre outras, para assumir um compromisso teórico e prático com as questões da escola, já que independentemente do espaço profissional que possa estar ocupando (diretamente na escola, em serviços públicos de Educação e Saúde, em universidades, clínicas, equipes de assessoria ou de pesquisas, etc.), ela deve constituir-se em seu foco principal de reflexão. Isto significa que é do trabalho que se desenvolve no interior das escolas que emergem as grandes questões para as quais se devem buscar os recursos explicativos e metodológicos que possam orientar a ação do psicólogo escolar.

Embora existam críticas sobre essa atuação, é possível observar a falta de conhecimento no cotidiano escolar, gerando assim a visão de uma atuação clínica, como era nos primeiros anos de surgimento. Vaz de Lessa, Gonçalves e Facci (2008 *apud* Meira, 2000), menciona críticas dizendo que a psicologia escolar está reduzida a questões relacionadas aos alunos, sem um fundamento teórico que possa entender as causas dessas dificuldades que os alunos enfrentam.

Partindo da premissa de Vygotsky sobre o processo de aprendizagem, ele enfatiza que a aprendizagem ocorre por meio da mediação, e que esse processo só acontece com seres humanos, de forma que o ser humano sempre está em constante evolução, e na busca de criar formas para regular seu comportamento, cria-se formas de organizar seus pensamentos e que o papel da escola e os professores são de auxiliarem na criação de mediadores para a aprendizagem (Vigotski, 2007, *apud* Vaz de Lessa; Gonçalves; Facci, 2008).

A atuação do Psicólogo escolar é necessária para compreender a conexão entre desenvolvimento e aprendizagem, além de explorar sobre a constituição da personalidade e o sofrimento psíquico dos alunos. Tanamachi, Asbhar e Bernardes (2018) argumentam que os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural podem contribuir significativamente para a prática do psicólogo escolar, principalmente no que se refere às queixas escolares. Essa abordagem permite não apenas explicar a realidade dos alunos, mas também apresentar, com base no marxismo, possibilidades de transformação social.

Vygotski foi um dos grandes precursores dessa abordagem, buscava desenvolver uma psicologia mais assertiva, que considerasse os contextos sociais e históricos do indivíduo. Vygotski (1996), defende que, a psicologia deve ser analisada através do método materialista-histórico-dialético, que permite uma compreensão mais profunda dos processos psicológicos, no qual ele enfatiza que só é possível entender o sujeito e os fenômenos humanos se considerarmos toda a historicidade do indivíduo, no que implica em reconhecer as experiências e interações sociais que moldam continuamente a natureza do ser humano.

Oliveira (2005 *apud* Facci e Firbida, 2024) completa essa análise ao afirmar que quanto mais a sociedade se transforma, mais complexa ela se torna, trazendo elementos e situações que nos desafiam quanto à compreensão dos fatos. Fazendo com que, na prática escolar, se analise o indivíduo e sua singularidade, evitando o erro de focar em um único problema ou responsabilizar uma única pessoa/causa pelas demandas escolares.

Com base na teoria marxista, os autores Tanamachi, Asbhar e Bernardes (2018) citado por Facci e Firbida (2024) argumentam que essa perspectiva possibilita apresentar formas concretas de transformação social. Para os Psicólogos que buscam intervenções fundamentadas nos pressupostos de Vygotsky, alguns elementos são fundamentais: método de análise, constituição do psiquismo humano, relação–desenvolvimento e aprendizagem, constituição da personalidade e o sofrimento psíquico (Facci, Firbida 2024).

O método de análise proposto permite a investigação das relações do homem com a sociedade, compreendendo as dinâmicas envolvidas nesse contexto. O materialismo histórico-dialético possibilita uma análise criteriosa dos fatos e das dificuldades enfrentadas pelos alunos. A partir das relações sociais, Vygotsky introduz a teoria da mediação, destacando que o aprendizado ocorre por meio das interações do indivíduo com o mundo.

Quando se aborda a constituição do psiquismo humano, é fundamental considerar as funções psíquicas do ser humano (Facci, Firbida, 2024), com ênfase nas funções psicológicas elementares. Essas funções podem ser desenvolvidas através das relações com o meio social, assim, comprehende que a aprendizagem não ocorre de forma isolada, estando ligada ao desenvolvimento emocional e social dos alunos. É importante destacar como o sofrimento psíquico pode afetar diretamente na aprendizagem. Os problemas emocionais vividos fora da escola podem impactar no seu desempenho acadêmico e em suas relações sociais. Dito isto, o psicólogo precisa estar atento a esses aspectos e fornecer o suporte necessário.

A teoria de Vygotsky enfatiza que o desenvolvimento do ser humano só é possível por meio das relações, das trocas de experiência em pares, tornando possível o desenvolvimento. Por isso, a escola é o local onde ocorrem, na maior parte, as relações, fazendo com que o desenvolvimento pessoal seja possível (Vygotsky, 1996).

2.3 A Psicologia Escolar e o Pensamento Crítico

Após a psicologia escolar ser inicialmente definida como uma prática voltada para a área clínica, utilizando métodos de avaliação padronizados para medir a inteligência das crianças, surgiram questionamentos sobre esse modelo. As críticas levantadas por esse modelo impulsionaram novas buscas por perspectivas e estudos relacionados a essa vertente. Isso resultou no surgimento de novos estudos que contestavam a ideia de diagnosticar crianças com base nesses métodos padronizados.

Assim, novas pesquisas foram realizadas para compreender melhor comportamentos e queixas relacionadas à instituição, a fim de investigar as causas do fracasso escolar. No qual se entendia que o fracasso escolar era atribuído apenas ao aluno, mas que era fundamental analisar o contexto em que ele está inserido de uma forma mais ampla. Em seguida, críticas ao modelo da época começaram a surgir, e foi assim que passou a ampliar os pensamentos sobre a atuação do Psicólogo Escolar e ao que cabe esse profissional realizar no contexto educacional, tornando um olhar mais crítico e ampliado para essa atuação.

O texto acima contribuiu para que compreendêssemos os aspectos que fundamentam a psicologia escolar, e agora dando início ao pensamento crítico, discorremos sobre essa pauta que até então, no início eram ligadas às práticas clínicas, e que o papel do psicólogo era apenas de resolver problemas escolares. A crítica feita é sobre a vertente das duas áreas da psicologia, onde ambas teriam um papel desenvolvido separadamente, no qual a psicologia escolar estaria voltada para a resolução de problemas escolares, exercendo funções no âmbito da escola, e a psicologia educacional voltada para a construção de conhecimentos que seriam úteis para o processo educacional (Facci, 2008).

Neste sentido então, podemos abrir-se para um olhar mais criterioso sobre essa atuação, onde se deve compreender que não é possível trabalhar em um contexto educacional separando as áreas (Escolar e Educacional), pois uma área complementa a outra, no qual uma buscará conhecimentos teóricos que respaldam e dão suporte para que ocorra a melhora do contexto educacional, e a outra coloca-se em prática esses conhecimentos.

Após muitos debates sobre a atuação do Psicólogo escolar, Maria. H. Patto, publicou em 1984 seu primeiro livro. Nele, ela apresenta uma crítica à atuação dos Psicólogos na escola, buscando direcionar novos profissionais para uma nova perspectiva sobre a psicologia escolar (Facci, 2008). Uma nova análise surge como crítica, feita a partir do fracasso escolar onde parte da ideia de que devemos ter um olhar amplo de todo contexto em geral, como estrutura, localidade em que está inserido essa escola, e tirar o foco voltado de que o fracasso provém apenas do aluno, e como são as práticas dessa escola, questionando o desinteresse nos estudos envolvendo a aprendizagem.

Após discorrer sobre o papel do psicólogo diante dos autores citados, podemos trazer que a falta dos profissionais nas escolas é um problema que contribui para o fracasso escolar. O ambiente se torna cada vez mais conflituoso e as escolas tendem a ver o aluno como o problema central, com todo seu histórico familiar e condições emocionais, que acarretam o desenvolvimento e aprendizagem. por outro lado, a falta de percepção do fracasso da escola, também se faz presente e não costuma ser visto pelas escolas as próprias falhas. Mesmo sendo algo conquistado por meio da aprovação da Lei nº 13.935/2019 que dispõe sobre “a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica”, ainda não se tem profissionais de psicologia em todas as escolas (BRASIL, 2019).

Meira e Tanamachi (2003) também discorrem sobre a atuação do psicólogo sob um olhar crítico, definindo e apontando possíveis atuações e intervenções de um psicólogo educacional, dizendo assim que um psicólogo escolar não é definido apenas por seu local de atuação, e que não necessariamente o psicólogo precisa estar presente nas escolas, mas que desde que esse assume tal compromisso com a teoria e a prática relacionados à escola, e que seu foco maior esteja no olhar totalitário nas questões educacionais.

Maria Helena Patto (2022) contribuiu com esse movimento, situando a história da psicologia como ciência, e como essa psicologia tem contribuído para justificarmos a verdadeira realidade educacional. Suas contribuições e discussões no processo de aprendizagem que proporcionaram uma visão totalitária dos fatores que alteram o desempenho escolar é de bastante importância, fazendo com que os olhares não sejam voltados e centralizados na criança, mas fazendo com que sejam observados seus fatores cognitivos, biológicos que influenciam seu modo de se desenvolver.

O momento atual exigirá uma nova revisão de todo o material já escrito sobre essa atuação e, a partir de novos estudos, repensar em um novo sentido a essa atuação. A partir do que já foi estudado, compreender como vem sendo essa prática hoje e discutir métodos que contribuem para o funcionamento do ambiente escolar e o desenvolvimento de cada aluno. Dentro desse ambiente escolar destaca-se a importância da mediação, onde Vygotski salienta essa importância, propondo assim o professor como mediador desse processo entre aluno e conhecimento, relacionando-se a aprendizagem e desenvolvimento, que de acordo com a perspectiva sócio-histórica nosso desenvolvimento ocorre em dois níveis, o primeiro ocorrendo no nível real, onde é tudo que o indivíduo é capaz de realizar por si só, e o desenvolvimento proximal, realizado com ajuda e aberto para novas possibilidades de aprendizagem (Meira e Tanamachi, 2003).

Portanto, tendo em vista os níveis de desenvolvimento, a escola deve ser voltada para o desenvolvimento próximo, com o ensino voltado sempre a novas aprendizagens, e o papel da psicologia é, através dessas aprendizagens estudar como cada indivíduo interpreta e elabora os conceitos apresentados pelo mediador.

Nesse contexto, o psicólogo escolar é um profissional indispensável para ajudar os educadores a criarem métodos de ensino que atendam a individualidade de cada aluno. Isso inclui a criação de estratégias que se ajustem aos vários tipos de aprendizagem e suscitam em chances para que todos os alunos, apesar de suas dificuldades, consigam se desenvolver totalmente (Patto, 2022).

Além disso, é preciso que o psicólogo escolar auxilie na constituição de um ambiente escolar que dê espaço para formação social e emocional dos estudantes, porque, depois de entender a relação dos alunos com todos que frequentam aquela instituição (professores, colegas e demais profissionais) o psicólogo escolar pode facilitar o estabelecimento de um ambiente que reconheça a diversidade e promova o bem-estar de todos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das buscas bibliográficas realizadas, foram selecionados textos de alguns autores que se completam na discussão sobre a Psicologia Escolar e como ela foi se desenvolvendo ao longo do tempo.

O texto de Antunes (2008), intitulado *Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas*, somado ao trabalho de Martinez (2010) *O que pode fazer o psicólogo na escola?*, complementam-se ao oferecer um panorama abrangente das diversas perspectivas da psicologia escolar, bem como das formas de atuação do psicólogo nesse contexto. A pesquisa enfatiza a história da psicologia e sua prática ao longo do tempo, evidenciando a transição de uma abordagem predominantemente clínica para uma atuação mais crítica e reflexiva.

Martinez (2010) analisa de maneira objetiva e clara as diversas formas de atuação do profissional, sugerindo intervenções e orientações dentro da escola. O CFP, nas *Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos na Educação Básica* (2019), também apresenta formas de atuação do psicólogo que complementam as ideias ressaltadas por Martinez. Facci (2008) por sua vez, menciona que a atuação do psicólogo não deve se limitar ao apoio emocional, mas

também deve contribuir para levantar estratégias que abordem as dificuldades enfrentadas no contexto educacional. Meira e Tanamachi (2003) reforçam a necessidade de que o psicólogo observe os aspectos que impactam o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos, considerando todo o contexto histórico e cultural. Patto (2022) discute como os fatores sociais e culturais do ambiente educacional podem levar ao fracasso escolar, alertando para a importância de entender essas questões dentro da rede educacional brasileira. Ela argumenta que é um erro atribuir o fracasso escolar apenas ao aluno, destacando que a falha muitas vezes está na própria rede educacional. Isso requer uma nova visão sobre as práticas educacionais e uma redefinição urgente do papel do psicólogo escolar, para que ele possa contribuir de maneira mais eficaz com o sistema educacional.

A partir das contribuições de Meira e Tanamachi (2003), o pensamento crítico emerge como uma ferramenta significativa para a compreensão abrangente do aluno e do sistema educacional. Essa perspectiva leva à necessidade de avaliar e reformular ideias que resultem em estratégias de ensino inclusivas e mais eficazes. Todos os autores citados discutem o compromisso ético dos profissionais de psicologia, ressaltando a importância de um compromisso que vai além do atendimento ao aluno.

A Psicologia Histórico-Cultural na área educacional assume um papel fundamental para a prática psicológica, ampliando o campo de atuação do psicólogo escolar. Em vez de se limitar ao atendimento individual de alunos, essa abordagem promove uma visão mais abrangente e crítica do papel do psicólogo, que passa a atuar na transformação de todo o contexto educacional. Essa perspectiva redefine a prática psicológica, indo além da simples resolução de problemas e focando na criação de condições estruturais que favoreçam o desenvolvimento humano. Para a psicologia, essa abordagem é essencial, pois desloca o olhar da problemática individual para uma compreensão sistêmica, onde os processos históricos, culturais e sociais são vistos como parte integrante da constituição do sujeito. Assim, o psicólogo deixa de ser apenas um interventor pontual e passa a ser um agente de transformação social, contribuindo para uma prática mais reflexiva e engajada com as mudanças necessárias no ambiente escolar. A Psicologia Histórico-Cultural, que tem como ideia central as propostas de Vygotsky, especialmente em sua teoria do desenvolvimento proximal e na mediação e interação social. As ideias são fundamentais para entender a atuação do psicólogo escolar. Vygotsky (1996) argumenta que o aprendizado ocorre em um contexto social e cultural, no qual as interações entre alunos e professores são essenciais para o desenvolvimento do indivíduo.

Esses autores, ao abordarem a psicologia escolar sob diferentes perspectivas, convergem na importância de um papel ativo e transformador do psicólogo no ambiente educacional. A

atuação do profissional deve ir além de uma simples intervenção, incorporando uma compreensão crítica dos fatores que influenciam o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos. Essa abordagem integrada é fundamental para que o psicólogo possa realmente contribuir para a melhoria das práticas educacionais.

Além disso, a articulação entre as teorias apresentadas e a realidade escolar revela a necessidade de um compromisso ético que vá além do atendimento individual. O psicólogo deve atuar como um agente de mudança, promovendo reflexões que possam impactar positivamente toda a comunidade escolar. Assim, ao redefinir sua prática à luz da Psicologia Histórico-Cultural, o profissional se posiciona como um facilitador de processos que não apenas resolvem problemas imediatos, mas também promovem o desenvolvimento integral dos estudantes em um contexto que considera suas particularidades históricas e culturais.

Por fim, ao unir as contribuições teóricas dos diversos autores, fica claro que a psicologia escolar não deve ser vista isoladamente, mas como parte de um sistema educacional que requer transformações contínuas. O papel do psicólogo é, portanto, crucial na construção de um ambiente escolar que reconheça e valorize a diversidade, favorecendo um aprendizado que é, acima de tudo, um processo coletivo e contextualizado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim das buscas, conseguiu-se apresentar as inúmeras possibilidades de atuação do psicólogo dentro das escolas, revelando a urgência de repensar sobre as práticas que muitas vezes são individualistas e culpabilizantes. É fundamental compreender que a presença de um profissional de psicologia nas instituições educacionais não é apenas desejável, mas essencial para a promoção de um ambiente positivo e inclusivo. Apesar de ainda não ser efetiva a inclusão desses profissionais nas escolas, a necessidade de sua atuação se torna cada vez mais evidente. Dentre as informações obtidas, destaca-se, também, a importância do cumprimento da Lei nº 13.935/2019 (BRASIL, 2019) que é um passo significativo para a inclusão dos profissionais de psicologia, pois estabelece diretrizes claras para a inserção do psicólogo nas instituições, garantindo que os alunos recebam o apoio necessário para o seu desenvolvimento integral.

No entanto, acredita-se que ainda há uma lacuna significativa em pesquisas sobre a atuação do psicólogo escolar e educacional nas instituições de ensino público. Tais estudos podem contribuir para fornecer dados relevantes para as práticas desses profissionais,

promovendo uma educação mais inclusiva e atenta às necessidades emocionais e psicológicas de todo âmbito educacional.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, A. M. Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 469-478, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/kgkH3QxCXKNNvxpbgPwL8Sj/> Acesso em: 14 abr. 2024.
- BARBOSA, R. M.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 27(3), 12, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/HfFbGhyKP8vqpXtJFW9n9FP/?lang=pt> Acesso em: 14 abr. 2024.
- BRASIL. **Lei n. 13.935**, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20192022/2019/lei/l13935.htm Acesso em: 14 abr. 2024.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de Psicólogas (os) na Educação Básica**. Brasília: CFP, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-naeducacao-basica/> Acesso em: 01 out. 2024
- FACCI, M. G. D. A psicologia histórico-cultural e a psicologia escolar: o desenvolvimento da criança e a atuação do psicólogo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 289-297, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/bqGYtZqD5fRQYn3hZK8rJ8n/>. Acesso em: 14 set. 2024.
- FACCI, M. G. D; FIRBIDA, F. B. G. **Psicologia Histórico-cultural**: Reflexões sobre as possibilidades de atuação das (os) Psicólogas (os). UNIPAR: Umuarama, 2024. Disponível em: https://www.unipar.br/documents/1202/PSICOLOGIA_HIST%C3%93RICO_CULTURAL.pdf Acesso em: 01 out. 2024
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LIMA, A. O. M. N. Breve histórico da psicologia escolar no Brasil. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 41, p. 63-70, 2005. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19637/18979>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- LOPEZ, R. M. A psicologia escolar no Brasil: um caminho de construção. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 1, p. 35-48, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000100005> Acesso em: 17 jun. 2024.
- MARTINEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, 2010. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/issue/view/217> Acesso em: 14 abr. 2024.

MEIRA, M. E. P.; TANAMACHI, R. E. **A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.

Disponível em:

https://www.academia.edu/31535182/A_ATUA%C3%87%C3%83O_DO_PSIC%C3%93LOGO_COMO_EXPRESS%C3%83O_DO_PENSAMENTO_CR%C3%8DTICO_EM_PSICOLOGIA_E_EDUCA%C3%87%C3%83O Acesso em: 01 ago. 2024.

PATTO, M. H. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia.

Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, 2022. Disponível

em:<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/932/844/3069>

Acesso em: 01 out. 2024.

VAZ DE LESSA, P.; GONÇALVES, M.; FACCI, M. G. D. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a atuação crítica da psicologia escolar. **Terra e Cultura**, Londrina, n. 47, p. 93-104, ago./dez. 2008. Disponível em:

https://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n47/terra_08.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido:	06/11/2025
Publicado:	23/12/2025

ⁱ Psicóloga, graduada pelo Centro Universitário UNIFATECIE – Paranavaí - PR. E-mail: alanafialho@gmail.com

ⁱⁱ Especialista em Educação pelo Instituto Paranaense e professora do Centro Universitário UNIFATECIE – Paranavaí - PR E-mail: kezia.sumico@fatecie.edu.br